

O SIGNO NAÇÃO (RE) SIGNIFICADO NO PRONUNCIAMENTO DE BARACK OBAMA NO BRASIL EM 2011: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA

Érica de Abreu Azevedo (UECE)¹

ericaaazevedo@gmail.com

João Batista Costa Gonçalves (UECE)²

jbcgon@ig.com.br

Introdução

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, visitou nosso país pela primeira vez, em março de 2011. A visita fazia parte de uma agenda de encontros com os presidentes latino-americanos Sebastián Piñera, no Chile, Mauricio Funes, em El Salvador, além da presidenta brasileira Dilma Roussef. Aqui, especificamente, o propósito era o de estreitar relações econômicas e políticas para uma ampliação do comércio e dos investimentos, frente ao avanço econômico chinês no Brasil.

Hoje a China é a segunda potência econômica mundial e a maior parceira comercial do nosso país. As exportações chinesas para América Latina e Ásia vêm sendo impulsionadas pela redução das exportações para os países desenvolvidos em crise: os países da União Europeia e os EUA. Como resposta, pois, a esse cenário econômico desfavorável, Obama visita a América Latina, no intuito de estreitar alianças.

Em solo brasileiro, B. Obama discursou para uma plateia de, aproximadamente, 2400 pessoas, dentre artistas globais, políticos, empresários, socialites e jornalistas, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A princípio, o presidente faria um discurso aberto ao público, na Cinelândia, no Centro do Rio. No entanto, o local foi alterado de última hora.

A embaixada americana no Brasil justificou a mudança, à época, “devido a uma série de preocupações sobre a realização do evento ao ar livre”³, conforme nota divulgada pela imprensa brasileira. No entanto, acredita-se que a mudança tenha sido motivada pela possibilidade de protestos contra a decisão da Organização das Nações Unidas (ONU) de aprovar sanções militares da Líbia.

Em seu pronunciamento para os brasileiros, Obama procurou fortalecer a aliança, especialmente, econômica entre as duas nações – Brasil e Estados Unidos. Com esse intuito, exaltou a relação entre os dois países, enaltecendo ideais democráticos e semelhanças históricas, de modo a destacar a importância do Brasil no cenário econômico mundial.

Nota-se que tal discurso se propõe agregador ao construir igualdades e diluir diferenças. Parte da estratégia discursiva para alcançar tal fim pode ser percebida na (re) significação do signo *nação* no pronunciamento do presidente norte-americano aos brasileiros. A palavra *nação*, pronunciada 24 vezes, será aqui analisada por meio da categoria bakhtiniana exotopia, caracterizada pelo excedente do olhar que completa de sentido o ser observado, posto que este, por não se ver do lado de fora, não tem acesso ao todo que representa.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará.

³ Cf. <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,discurso-de-obama-na-cinelandia-cancelado,693853,0.htm>. Acesso em: 04 mar. 2012.

Para efeito de organização, este artigo está dividido em três itens. No primeiro, discorre-se sobre a visão dialógica da linguagem de M. Bakhtin e de seu Círculo. No segundo item, é feito comentário acerca da categoria de análise exotopia. Como contributo para essa discussão, no item seguinte, apresento o enfoque de Benedict Anderson sobre a nação como comunidades imaginadas e, no último, procedo à análise do *corpus* pretendido para este artigo, o pronunciamento de Barack Obama, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, no dia 20 de março de 2011. Em seguida, são feitos os comentários finais.

1. O princípio dialógico da linguagem em M. Bakhtin

O Círculo de Bakhtin, cujo maior expoente é o teórico russo Mikhail Bakhtin, reúne cientistas, intelectuais e artistas que desenvolveram pesquisas, entre 1920 e 1970, em torno de uma concepção social do mundo e do homem (BRAIT, 2009). Segundo esse pensamento, o homem somente se constitui na e pela interação, em meio às relações que trava social e constantemente. Isso porque a consciência humana se forma, e atua, em sociedade. Daí a condição de possibilidade da linguagem (FARACO, 2007).

Em seu pensamento sobre linguagem, Bakhtin destaca a relação eu-outro como uma relação entre posições sociais, expressa num texto, num diálogo proposto entre dois universos que se constituem e partilham atos. Fiorin (2008) afirma que, na teoria dialógica, a vida se concretiza na ação em relação ao outro, na contraposição de valores.

A língua possui, dessa forma, a propriedade de ser dialógica, pois todo e qualquer discurso é perpassado pelo discurso alheio. Para Bakhtin/Volochínov (2010), a fala, a enunciação somente existe no interior de um contexto socialmente definido, no qual há sempre um locutor que pensa e se dirige a um interlocutor. Fiorin (op. cit.) explica que a dialogização dos enunciados está interna à palavra, que é atravessada pela palavra do outro.

Segundo esse entendimento, a realidade somente pode ser acessada por meio da linguagem, ou seja, o real nos é dado linguisticamente, semioticamente:

Um objeto qualquer do mundo interior ou exterior mostra-se sempre perpassado por ideias, por pontos de vista, por apreciações dos outros; dá-se a conhecer para nós descreditado, contestado, avaliado, exaltado, categorizado, iluminado pelo discurso alheio. Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam, por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras (p. 19).

De acordo com Bakhtin (1997), as fronteiras que delimitam os enunciados concretos são visíveis na enunciação, ou seja, na alternância dos sujeitos falantes. O acabamento do enunciado é dado quando o falante cede a palavra ao outro, quando este percebe que o locutor concluiu a sua fala. A alternância dos falantes se dá na réplica dos enunciados. No diálogo real, cada réplica expressa, por meio de seu acabamento específico, a posição responsiva do interlocutor, ou seja, uma atitude de concordância ou discordância, como, por exemplo, a execução de uma ordem ou julgamento etc. (p. 294).

Fiorin complementa ao afirmar que os enunciados ecoam e rememoram outros enunciados, com os quais podem contestar, completar, pressupor, contar, etc. Por isso

ressalta que todo enunciado é único e irrepetível, “uma vez que são acontecimentos únicos, cada vez tendo um acento, uma apreciação, uma entonação próprios” (pg. 20). Sobre a relação que os enunciados travam no diálogo, esclarece:

A relação contratual com um enunciado, a adesão a ele, a aceitação de seu conteúdo fazem-se no ponto de tensão dessa voz com outras vozes sociais. Se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre o espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição. O que é constitutivo das diferentes posições sociais que circulam numa dada formação social é a contradição. O contrato se faz com uma das vozes de uma polêmica (p. 25).

O autor ressalta que, em uma dada formação social, a circulação das vozes está submetida ao poder. Com isso, quer dizer que as vozes possuem uma dimensão política, somente podendo circular na esteira do exercício do poder, que não se limita à esfera tradicional do campo da política, o Estado, e se estende a todos os tipos de relação de poder. Assim não se pode afirmar que há neutralidade nos enunciados. Não se pode dizer o que se quer, da forma como se quer, em qualquer lugar.

Para Bakhtin/Volochínov (2010), as mudanças sociais são inscritas nas palavras, em acentos apreciativos, nos valores e comportamentos ético-sociais. Isso porque a palavra veicula a ideologia, por ser um signo nuclear privilegiado e sensível, possuindo caráter reversível que intercede na formação da consciência do indivíduo. Nesse sentido, a palavra é o modo da relação social. As formas básicas e ideológicas da comunicação semiótica são reveladas na palavra, que funciona como elemento essencial que segue toda e qualquer criação ideológica.

Tem-se, dessa forma, que a compreensão se manifesta por meio de material semiótico, os signos, as palavras. A própria consciência, assinalam os autores, não surge nem se afirma como realidade sem a materialização em signos. A compreensão, então, é a resposta de um signo a outro signo, processo que configura uma cadeia ideológica. Esta, por sua vez, se dá no contato entre consciências individuais, na interação social, lugar no qual, de fato, a consciência se torna consciência.

Essa interação social promove a “atividade mental do nós” (p. 17), “forma superior que implica a consciência de classe” (Idem). Tal consciência deriva da característica de refração do ser no signo ideológico, determinada pelo confronto de interesses sociais – luta de classes, como já comentado neste item.

Se os enunciados são o espaço da luta de vozes sociais – o lugar da contradição –, é porque o signo é arena onde se desenvolve a luta de classes. Este entrecruzamento de índices de valor torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. Fora das tensões sociais, o signo debilita-se, degenera-se.

Os autores advertem que o que faz do signo dinâmico e vivo também o torna instrumento de deformação e refração do ser. A explicação recai sobre a tendência da classe dominante de dar ao signo caráter acima da diferença de classes, de intangibilidade, ocultando os índices sociais de valor que compõem o signo, com o intuito de tornar o signo monovalente.

Na realidade, todo signo ideológico vivo tem, como *Jano*, duas faces. Toda crítica viva pode tornar-se elogio, toda verdade viva não pode deixar de aparecer para alguns a maior das mentiras. Esta dialética interna do signo não se revela inteiramente a não ser nas épocas de crise social e de comoção revolucionária. Nas condições habituais da

vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Donde o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante (p. 48).

Com isso, findo o primeiro item deste artigo e passo ao segundo, que trata da categoria bakhtiniana exotopia, respaldada na visão dialógica da linguagem, na qual é central, como foi visto até aqui, a relação com o outro.

2. O olhar para o outro: a exotopia

A necessária presença do outro para a composição do eu traduz a exotopia, descrita por Bakhtin (1997) como o acabamento, provindo do olhar alheio, que constitui o ser humano em sua totalidade. O sentido do eu somente pode vir do exterior, porque o corpo apenas é um todo quando visto de fora e a alma somente se define quando nasce o homem e quando este morre. Com isso, o autor comenta sobre o nosso modo de viver a vida, ao julgarmo-nos sob o ponto de vista de outrem, ao tentarmos compreender o que transcende à nossa própria consciência.

O autor apresenta a categoria exotopia ao analisar o enunciado literário sob a perspectiva autor-herói. Ele expõe que há, nessa relação, a interseção de duas consciências. A consciência do herói é envolta e dotada de sentido pela consciência do autor, quem lhe dá acabamento. É assim que o autor confere o acabamento à obra literária, porque é dono do excedente de visão estética que escapa ao herói, definido pela relação mantida com seu autor-criador.

O teórico esclarece que o contato entre as duas consciências se dá na não coincidência de horizontes. O horizonte do ser contemplado se distingue da do ser contemplador, pois este ocupa lugar privilegiado, único e concreto fora daquele. Independentemente da distância entre as duas consciências, uma sempre dará conta de um todo que a outra jamais poderá acessar. Há partes do corpo que não são visíveis senão em frente ao espelho. Há ainda um mundo inteiro ao qual se dá as costas,

(...) toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos. Graças a posições apropriadas, é possível reduzir ao mínimo essa diferença dos horizontes, mas para eliminá-la totalmente, seria preciso fundir-se em um, tornar-se um único homem (p. 43).

Bakhtin atesta que a contemplação, fruto do excedente de visão interna e externa do outro, é ativa e produtiva e é, precisamente, um ato estético (p. 44). Para conferir o acabamento do outro, contido em germe no excedente de visão do eu, é necessário que haja o desabrochar proporcionado pela contemplação do horizonte alheio, preservando-se a originalidade. Em outras palavras, deve haver uma identificação com o mundo do outro, com seus valores, para que o mundo seja visto tal qual é visto pelo outro.

De volta ao lugar que lhe é próprio, o eu completa o horizonte do outro com todo o tipo de informação colhida no lugar que se ocupa, fora dele. Para tanto, emoldura-se o ser contemplado, criando-lhe ambiente propício ao seu acabamento, embasado no excedente de visão, no saber, no desejo, no sentimento do ser contemplador.

Para exemplificar a atividade do excedente de visão do observador, Bakhtin utiliza a imagem de um ser que sente dor. O autor afirma que, nessa situação, o horizonte da consciência observada envolve-se com o que lhe causa dor e com o que está ao alcance do seu olhar. O ato estético do contemplador consiste em vivenciar o mundo impregnado da dor alheia, dando-lhe acabamento. Para isso o observador, deve, primeiramente, identificar-se com o outro, colocar-se em seu lugar, experimentar o que é experimentado pelo outro, assumindo-lhe, dessa forma, o horizonte concreto.

O teórico evidencia que, por mais que o contemplado veja o que é visto pelo contemplador, o enfoque não é apropriado porque se situa de forma única na consciência do observador. E o que garante o acesso ao interior do outro é a expressividade externa, o que permite internamente a fusão de um ser com o outro. No entanto, postula Bakhtin, a fusão interna não é o objetivo principal da atividade estética. Nesse ponto, explica, a atividade estética, propriamente dita, ainda nem começou:

Com efeito, vivida internamente, a situação daquele que sofre pode levar a um ato ético – ajuda, reconforto, especulação cognitiva – e, de qualquer modo, após nos termos identificado com o outro, devemos voltar a nós mesmos, recuperar nosso próprio lugar fora daquele que sofre, sendo somente então que o material recolhido com a identificação poderá ser pensado nos planos ético, cognitivo ou estético. Se não houver essa volta a si mesmo, fica-se diante de um fenômeno patológico que consiste em viver a dor alheia como a própria dor, de um fenômeno de contaminação pela dor alheia, e nada mais (p. 46).

Adiante o autor expõe que a identificação com a dor do outro, a vivência da dor do outro, suscita não o grito de dor, mas o ato de resistência, a palavra de reconforto, relacionando-se o que se viveu ao outro. Esta é a condição necessária da identificação de consciências, que gera o conhecimento produtivo ético e estético, pois na volta a si mesmo, o contemplador inicia, de fato, a sua atividade estética. Fora do lugar ocupado por aquele que sofre, ao dar-se forma ao material recolhido, gerado por essa identificação, o mundo é dotado de nova função, de novo acabamento.

Assim descrita, a atividade do excedente de visão pode ser pensada em termos de grupos sociais. Segundo Todorov (1997), a multiplicidade dos homens não advém da quantidade de “eus”, mas do complemento necessário que cada um representa ao outro. Essa incompletude, a se completar na diferença entre o eu e o outro, se processa dentro de um grupo social, no contato deste grupo com outros grupos, destes outros grupos com outros novos grupos, inseridos numa época, com grupos de outras épocas, em termos passados e numa projeção para tempos vindouros.

Do mesmo modo, a exotopia, no âmbito cultural, é o aspecto mais importante para a compreensão de uma cultura sobre a outra. Uma cultura só é significada, acabada, quando observada por outra, por outras. Cada cultura observará uma alheia com olhar diferente. Bakhtin elucida que tal diálogo não provoca a fusão de culturas. Longe de comprometer a unidade própria de cada uma, o diálogo as enriquece mutuamente:

Um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio; estabelece-se entre eles como que um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco, inerente ao sentido e à cultura considerada isoladamente. Formulamos a uma cultura alheia novas perguntas que ela mesma não se formulava. Buscamos nela uma resposta a perguntas nossas, e a cultura alheia nos responde, revelando-nos seus aspectos novos, suas profundidades novas de sentido. Se não formulamos nossas próprias perguntas, não participamos de uma compreensão ativa de tudo quanto é outro e alheio (trata-se, claro, de perguntas sérias, autênticas) (p. 368).

O diálogo entre as culturas brasileira e estadunidense, proporcionado pelo movimento do olhar do presidente B. Obama em relação ao Brasil, produz sentidos que são dotados nessa diferença. Como o objetivo aqui é examinar a (re) significação do signo *nação* no discurso do presidente apresento, no próximo item, o enfoque do teórico Benedict Anderson sobre a nação como comunidades imaginadas.

3. Comunidade política imaginada: a nação

A emoção de ouvir o hino brasileiro sendo entoado enquanto é hasteada a bandeira nacional é partilhada não só pela plateia do estádio esportivo, mas pelos telespectadores que assistem à partida em suas casas, pelos ouvintes do rádio, pelos internautas, enfim, por todos os brasileiros que acompanham o jogo. Aquele que chora ao ouvir o hino no estádio não conhece as pessoas que estão assistindo ao jogo em casa, nem as que acompanham a partida pelo rádio. Também não conhece o internauta no Japão que acompanha o jogo pela internet. No entanto, onde estiver, saberá que, como ele, há muitos outros emocionados em ouvir o hino, muitos outros brasileiros.

Esse sentimento de irmandade partilhado com tantos desconhecidos é o sentimento de nacionalidade. Segundo Benedict Anderson (2008), ele é da ordem da alma. É assentido culturalmente por cada nativo de um país que se vê igual a outros nativos – independentemente das desigualdades que possam existir – e se imagina viver numa comunidade de semelhantes, legitimada nacionalmente.

O autor demarca que a legitimidade nacional é um sentimento tão profundo que tem movido milhões de pessoas a morrer – muito mais que a matar – em nome da nação. Segundo ele, o fato de tamanhos sacrifícios serem gerados como resultado de criações imaginativas da história recente – a nação foi criada há pouco mais de dois séculos – tem fundamento nas raízes do nacionalismo.

Anderson postula que a nação surgiu em virtude do desaparecimento dos sistemas divinos, religiosos e dos reinos dinásticos, em decorrência do Iluminismo e da Revolução Francesa:

O século do Iluminismo, do secularismo racionalista, trouxe consigo suas próprias trevas modernas. A fé religiosa declinou, mas o sofrimento que ela ajudava a apaziguar não desapareceu. A desintegração do paraíso: nada torna a fatalidade arbitraria. O absurdo da salvação: nada torna mais necessário um outro estilo de continuidade. Então foi preciso que houvesse uma transformação secular da fatalidade em continuidade, da contingência em significado. (...) poucas coisas se mostraram (se mostram) mais adequadas a essa finalidade do que a ideia de nação. Admite-se normalmente que os estados nacionais são ‘novos’ e ‘históricos’, ao passo que as nações a

que eles são expressão política sempre assomam de um passado imemorial, e ainda mais importante, seguem rumo a futuro ilimitado. É a magia do nacionalismo que converte o acaso em destino (p. 38-39).

Segundo o autor, os discursos da nacionalidade surgem pautados por uma noção de simultaneidade que inaugura novos modos de apreender o mundo. Divisões cronológicas claras são substituídas por um passado mítico, em que se evidenciam os momentos de fundação. A condição de nação (*nation-ness*), de acordo com esse pensamento, possui o maior grau de legitimidade universal na vida política moderna, fundamentando-se na necessidade de tornar antigo o novo, de transmutar o presente em um passado selecionado conscientemente.

A seleção histórica de um passado vivido coletivamente é construída a partir da circulação dos jornais e romances na Europa do século XVIII. Anderson explica que essas duas formas de criação imaginária são os verdadeiros responsáveis pela representação do tipo de comunidade imaginada correspondente a uma nação. Da mesma forma, a língua responde pela imaginação de uma comunidade, pois promove a unificação pela leitura e a manutenção da suposta antiguidade essencial, principalmente quando se torna oficial.

Com relação ao nacionalismo dos estados coloniais, Anderson esclarece que três instituições ajudaram a moldar as imaginações, são elas os censos, os mapas e os museus. Elas foram responsáveis por conformar a maneira como o Estado percebia seu domínio, a natureza da população e a geografia do território, ou seja, a legitimidade do passado recente. Também fomentaram realidades unificadas, categorias raciais claras, histórias sequenciais, lógicas e fronteiras, conforme comenta Schwarcz (2008):

Com essas operações comuns, e ordenadas, os dados retirados dos censos dos museus e dos mapas passaram a ser signo puro, e não mais bússolas do mundo. Aí pode se encontrar a urdidura essencial desse pensamento classificatório e totalizante, que transformava datas em eventos, passagens rápidas em marcos fundadores nacionais. (...) Nem tão antigas são as nações que considerávamos perdidas no tempo, assim como nem tão novo é esse Novo Mundo americano (p. 15).

Depois de tecer sobre as principais ideias acerca do nacionalismo em torno do autor Benedict Anderson, passo agora a examinar a aplicação dos conceitos discutidos até aqui em alguns trechos do pronunciamento do presidente Barack Obama no Rio de Janeiro.

4. Os sentidos do signo *nação* no pronunciamento de Barack Obama no Brasil em 2011

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, discursou no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, no dia 20 de março de 2011, durante vinte minutos. O tempo inteiro se manteve olhando para o público que o ouvia, percebendo-se assim que o seu discurso não foi lido. Durante sua fala, a palavra *nação* foi citada 24 vezes. Algumas dessas citações são analisadas nos trechos dispostos a seguir. Neles, a palavra *nação* (*nation*) está destacada em negrito. A primeira delas surge logo no início da fala do presidente:

*Since the moment we arrived, the people of this **nation** have graciously shown my family the warmth and generosity of the Brazilian spirit. Obrigado. Thank you. (Applause.) And I want to give a special thanks to all of you for being here, because I've been told that there's a Vasco football game coming. (Cheers and boos.) Botafogo – (laughter.) So I know that -- I realize Brazilians don't give up their soccer very easily (Laughter) (OBAMA, 2011) ⁴. [Desde o momento em que chegamos, o povo desta **nação** tem gentilmente mostrado à minha família o calor e a generosidade do espírito brasileiro. “Obrigado”. Obrigado (aplausos). Quero agradecer a todos por estarem aqui, pois me disseram que haverá um jogo do “Vasco” (comoção na plateia), “Botafogo” (risadas). Então eu sei que – eu percebo que os brasileiros não abrem mão de seu futebol tão facilmente⁵ (risadas)].*

Nesse primeiro trecho, a *nação* citada é a nação brasileira, o que revela o movimento do olhar de Obama para o Brasil. A exotopia estabelecida por esse movimento dá conta do “espírito brasileiro”, representado pelo calor e pela generosidade que o presidente vivenciou com sua família logo de sua chegada ao nosso país. Também dá conta da importância do futebol para os brasileiros. Ao dizer que o brasileiro não abre mão de seu futebol tão facilmente, o presidente significa a nação brasileira como uma comunidade culturalmente ligada ao esporte.

A reação da plateia a essas palavras demarca que os brasileiros também imaginam o Brasil como um “país caloroso”, como “o país do futebol”. E esse reconhecimento transmite uma sensação de proximidade entre as duas nações, Estados Unidos e Brasil. Proximidade, aliás, necessária para acordos financeiros, como se percebe em outro trecho de sua fala:

*Now, yesterday, I met with your wonderful new President, Dilma Rousseff, and talked about how we can strengthen the partnership between our governments. But today, I want to speak directly to the Brazilian people about how we can strengthen the friendship between our **nations**. I've come here to share some ideas because I want to speak of the values that we share, the hopes that we have in common, and the difference that we can make together (OBAMA, 2011). [Recentemente, ontem, tive um encontro com sua maravilhosa nova presidente, Dilma Rousseff, e conversamos sobre como podemos fortalecer a parceria entre nossos governos. Mas hoje quero falar diretamente com o povo brasileiro sobre como podemos fortalecer a amizade entre nossas **nações**. Vim aqui para compartilhar algumas ideias, pois quero falar sobre os valores que compartilhamos, as esperanças que temos em comum e a diferença que podemos fazer juntos].*

Nesse trecho, ao olhar para as duas *nações*, juntas, Obama reforça a proximidade entre elas e destaca a parceria entre os dois governos. Assim a significação de *nações* é construída por meio de um movimento duplo de contemplação. De um lado, a exotopia recai sobre a líder da nação brasileira, Dilma Rossef, de outro recai sobre o

⁴ Cf. <http://www.whitehouse.gov/the-press-office/2011/03/20/remarks-president-people-brazil-rio-de-janeiro-brazil>. Acesso em: 27 mar de 2012.

⁵ A tradução do pronunciamento do presidente é de minha autoria.

povo brasileiro. A significação percebida nesse movimento de olhar é o estabelecimento da “amizade” entre as duas nações, ilustrando o que Anderson (op.cit) chamou de irmandade, que se sobressai às desigualdades, em torno de uma comunidade imaginada. Com a sua exotopia, Obama imagina duas nações amigas, parceiras, irmãs. Essa irmandade internacional assim significada é enaltecida em outro trecho de sua fala:

*The United States was the first **nation** to recognize Brazil's independence, and set up a diplomatic outpost in this country. The first head of state to visit the United States was the leader of Brazil, Dom Pedro II. In the Second World War, our brave men and women fought side-by-side for freedom. And after the war, both of our **nations** struggled to achieve the full blessings of liberty (OBAMA, 2011). [Os EUA foram a primeira **nação** a reconhecer a independência do Brasil e a estabelecer um posto diplomático neste país. O primeiro chefe de estado a visitar os EUA foi o líder do Brasil Dom Pedro II. Na Segunda Guerra Mundial nossos corajosos homens e mulheres lutaram lado a lado pela liberdade. E depois da guerra, nossas duas **nações** lutaram para conseguir as bênçãos plenas da liberdade].*

Um novo significado para *nação* é instituído nesse trecho, em que Obama exalta politicamente o Brasil. Ao olhar para o Brasil como nação independente, no atual período político internacional, Obama imprime uma força ao mercado econômico nacional brasileiro que, se partilhado com os Estados Unidos, poderá, por exemplo, ajudar a diminuir o impacto chinês em ambos os mercados.

Ainda nesse trecho, ao dizer que as duas nações “lutaram para conseguir as bênçãos da liberdade”, o presidente menciona a aliança dos EUA com o Brasil na guerra contra o Eixo (Alemanha, Itália, Japão), para evidenciar alianças prévias entre os dois países que “deram certo”. No entanto, tal aliança somente foi possível depois que o Brasil recebeu empréstimo do governo Roosevelt para construção de uma usina siderúrgica. De acordo com Bandeira (2009), o Brasil, então governado por Getúlio Vargas, era simpático às potências do Eixo e foi forçado a abandonar a posição neutra frente ao conflito.

Com isso, percebe-se claramente, o silenciamento de pontos de tensão entre as duas nações, não restrito ao passado. Durante o atual governo de Obama, como a imprensa brasileira reportou à época, nem todas as posições políticas internacionais norte-americanas foram apoiadas pelo governo brasileiro, a exemplo da guerra contra o narcotráfico na Colômbia, em 2009, quando o Brasil reclamou do abuso de bases militares dos EUA no país e, na crise de Honduras, naquele mesmo ano, quando os EUA reconheceram o novo governo e o Brasil não.

Num último fragmento analisado, Obama evidencia novamente a importância política do Brasil:

*With each passing day, Brazil is a country with more solutions. In the global community, you've gone from relying on the help of other **nations**, to now helping fight poverty and disease wherever they exist. You play an important role in the global institutions that protect our common security and promote our common prosperity. And you will welcome the world to your shores when the World Cup and the Olympic games come to Rio de Janeiro. (Applause.) Now, you may be aware that this city was not my first choice for the Summer Olympics. (Laughter.) But if the games could not be held in Chicago, then*

there's no place I'd rather see them than right here in Rio. And I intend to come back in 2016 to watch what happens. (Applause.) (OBAMA, 2011). [A cada dia que passa, o Brasil é um país com mais soluções. Na comunidade global, vocês passaram de contar com a ajuda de outras **nações** para agora ajudar a lutar contra a pobreza e a doença onde quer que elas existam. Vocês desempenham um papel importante nas instituições globais ao promover nossa segurança em comum e nossa prosperidade em comum. E vocês darão boas vindas ao mundo em seus litorais quando a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos vierem ao Rio de Janeiro (aplausos). Agora, vocês sabem que esta cidade não foi minha primeira escolha para os jogos olímpicos (risos). Mas, se os jogos não pudessem ser realizados em Chicago, então não existiria nenhum lugar em que eu gostaria mais de vê-los do que aqui no Rio. E eu pretendo voltar em 2016 para ver o que acontece (aplausos)].

A exotopia de Obama dá conta do Brasil e também de outras nações. A nação brasileira é, nesse universo, uma comunidade internacional, porque mantém relações horizontalmente com outras nações, seja para receber ajuda ou fornecer essa ajuda. A nação brasileira é, desse modo, um país com soluções para pobreza e a doença “onde quer que elas estejam” – uma significação que apaga a realidade da saúde em nosso país e o eleva ao status de nação desenvolvida.

No mesmo trecho, o presidente norte-americano afirma que ambos os países promovem segurança e prosperidade em comuns. Esse acabamento funciona como pano de fundo para falar sobre a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos a serem realizados no Rio de Janeiro, respectivamente, em 2014 e em 2016. Obama deixa claro que não concordou com a escolha da cidade para sediar os dois eventos. Mas, atenua uma possível crítica e novamente exalta o Rio. Observa-se, novamente, com isso, um abrandamento de pontos de discordâncias entre as duas nações.

Nessa breve leitura do pronunciamento de Barack Obama no Brasil, percebeu-se que a análise da (re) significação do signo *nação* pôde demonstrar como o presidente dá acabamento ao Brasil ao olhá-lo de seu lugar. A exotopia de Obama demonstra uma nação brasileira de visibilidade no cenário econômico mundial, ao mesmo tempo próxima e afim, apta a fechar acordos, a ser parceira de negócios, porque “comuns” são os valores partilhados entre ambas as nações.

Considerações finais

Considerando que M. Bakhtin e o seu Círculo defendem uma concepção social da natureza da língua, propondo que a fala está vinculada às estruturas sociais, relacionando-se às condições da comunicação humana, sendo responsável pelas transformações linguísticas, propôs-se, com a presente análise, examinar de que forma a categoria bakhtiniana exotopia ajuda a entender como são produzidos novos sentidos para o signo *nação*, tomando como base o pronunciamento do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, em visita ao Brasil, em 2011.

Com a análise, pôde-se constatar como a exotopia, que representa, no discurso do *corpus* aqui analisado, o excedente do olhar do narrador do discurso, Barack Obama, em relação ao Brasil, completa de sentido este país focado na visão de outro. Tal movimento do olhar somente é possível na alteridade, na diferença entre o eu, Obama, Estados Unidos, e o outro, Brasil. Isso porque, conforme assevera Bakhtin (op. cit.),

uma vida possui sentido somente se observada pelo lado de fora, completamente envolta na ótica de outra pessoa.

A exotopia de Obama permitiu que o signo *nação* assumisse diferentes valores ao longo de sua fala. Alguns deles são partilhados com a imaginação dos brasileiros, como a paixão pelo futebol e a pacificidade de nossa gente. No entanto, outros valores foram construídos com o intuito de elevar a nação brasileira à potência global, ao destacá-la no cenário econômico mundial, ficando evidente como a circulação das vozes no discurso está submetida ao poder.

Dessa forma, por meio da análise proposta neste artigo, objetivou-se dar um contributo aos estudos em torno da obra de Bakhtin e de seu Círculo e sua aplicação à análise do discurso, especialmente por não existir muitos estudos acadêmicos sobre a categoria bakhtiniana exotopia no discurso político. Intenta-se, ainda, ampliar o diálogo entre a Linguística Aplicada e outros domínios do conhecimento em Ciências Humanas, como a Sociologia, a História, o Direito, a Política, a Antropologia.

Referências

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2ª ed. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail e V. N. VOLOCHÍNOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 14ª ed. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Formação do Império Americano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.

FARACO, C. A. TEZZA, C. CASTRO, Gilberto de. (Orgs.) **Diálogos com Bakhtin**. Paraná: Ed. UFPR, 2007.

FIORIN, José Luiz. **Introdução do pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

OBAMA, Barack. Remarks by the President to the People of Brazil in Rio de Janeiro, Brazil. **Site da Casa Branca**. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/the-press-office/2011/03/20/remarks-president-people-brazil-rio-de-janeiro-brazil>> Acesso em: 27 mar. 2012.

SCHWARCZ. Lílian Moritz. Imaginar é difícil (porém necessário). In: ANDERSON, Benedict R. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TODOROV, T. Prefácio. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2ª ed. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ZOPPI, Fontana. O outro da personagem. In:
BRAIT, Beth. **Dialogismo e construção do sentido**. 2ª ed. São Paulo: Editora
Unicamp, 2005.